

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A paixão por café de Paul Sapountzakis e Rita Mendes os fizeram trazer para Brasília uma experiência única para amantes de diferentes sabores da bebida

Aceita um cafezinho?

POR AILIM CABRAL E TAINÁ HURTADO*

Ariscamos dizer que não há quase nenhum brasileiro, ou mesmo turista visitando o país, que nunca tenha ouvido a gentil oferta. Ele está nas casas, lojas, locais de trabalho, oficinas, hospitais, hotéis, bancos. É difícil pensar em algum lugar ou estabelecimento que não tenha, pelo menos, uma garrafa térmica com os típicos copinhos de plástico ao lado. Nem sempre ele será gostoso, pode ser fraco ou forte demais, muito doce ou amargo, mas o fato é que o café é quase onipresente.

Neste domingo, é celebrado o Dia Mundial do Café. Presente em 98% dos lares brasileiros, a bebida, além de ser uma das preferidas no país, tem importante papel na nossa história, economia e vida diária.

Segundo a Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic), a tradição de “tomar um cafezinho” teve início em 1450, quando os filósofos tomavam a bebida na intenção de ficarem acordados para práticas de exercícios espirituais. Com os anos, o hábito se popularizou e se tornou um ritual social, praticado mundialmente.

Na história do Brasil, o café teve grande importância para a economia do país, principalmente durante a Primeira República, época em que os lucros das lavouras permitiram grandes mudanças e avanços para o território brasileiro. Hoje, o Brasil é o maior exportador de café no mercado mundial e o segundo entre os consumidores da bebida.

Aline Marotti, coordenadora de qualidade da Abic, brinca que o Brasil só fica em segundo lugar porque nos Estados Unidos, o maior consumidor de café, também se considera o consumo da bebida gelada. “Eu aposto que se fôssemos contabilizar apenas o café quentinho, nós ganhávamos. Nossos dados mostram que cada brasileiro consome, em média, 1.430 xícaras de café por ano”, conta.